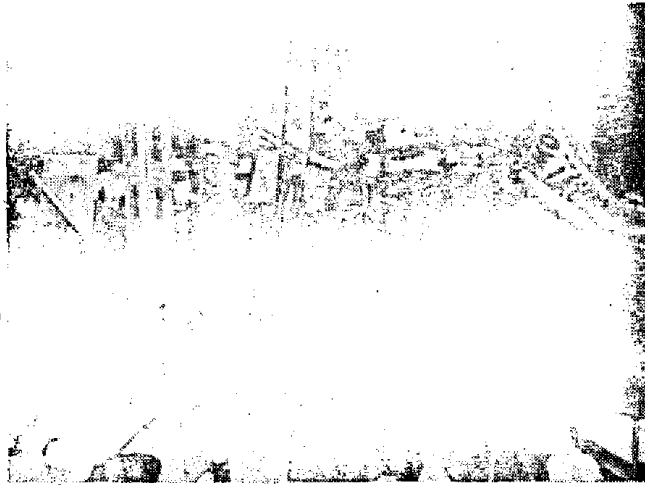


ACAO POLITICO

Revista mensal sobre a opinião
em política com as notícias mais interessantes

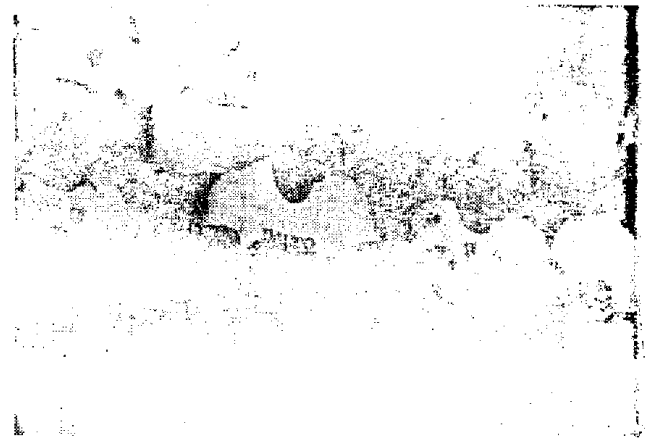
ANO VIII • Nº 61 • AGOSTO/22 • BLUMENAU - SC - CDS 50,00

UMA GOVERNADORIA POPULAR EM SANTA CATARINA



Convenção do

PMDB



Dalto dos Reis (candidato a Prefeito), Renato Vianna (candidato a Deputado Federal) e Paulo Baier (candidato a vice)

O senador Jaison Barreto, em entrevista concedida depois do encontro de apresentação de candidatos do PMDB realizado no domingo de manhã, em Blumenau comparou o ex-governador Jorge Bornhausen a "um donatário de uma velha capitania que se julga dono de Santa Catarina" referindo-se às críticas lançadas pelo ex-governador à campanha publicitária. "O Brasil vai mudar" a qual em companhia de fotos de candidatos ao governo de São Paulo, Paraná e Rio Grande do Sul.

"Somos um partido aberto e recebemos de braços abertos

a todos quantos que, de mãos limpas, nos vierem dar sua valiosa colaboração. Nosso Estado, na sua história tem reconhecido a ajuda emprestada por pessoas que vêm de outros Estados ou países, como caso dos bravos imigrantes alemães e italianos, do destemido povo gaúcho que nos ajudou a desenvolver o Oeste Catarinense, os desbravados catarinenses e seu trabalho no Norte do Estado, cariocas, paulistas, mineiros, nordestinos, nortistas, brasileiros ou não, que vieram somar. A impressão que se tem — ironizou Barreto — é de que se o Dr. Plumenau chegasse agora à cidade que fundou, encontra-

ria um Bornhausen de tacape na mão, a acossá-lo.

A reunião de apresentação dos candidatos do PMDB do Vale do Itajaí e Blumenau foi realizada no pavilhão "A" da PROEB para um público entusiasmado de cerca de 3 mil pessoas, frequência considerada apenas regular pelos organizadores da festa que teve chopp e muita batucada.

Além de Jaison Barreto, que presidiu a sessão, estiveram no local os candidatos João Linhares e Pedro Ivo, os dois principais nomes do Vale à Câmara Federal, Renato Vianna e Ivo Vanderlinde e os candidatos à Assembléia, Alvaro

Correia, João de Borba e Jair Girardi. Os correligionários do candidato a prefeito Dalto dos Reis, em maioria na concentração promoveram um espetáculo de vibração cada vez que o nome do ex-secretário de Finanças era citado. A ala que apoia a sublegenda para prefeito em que concorre o senador Evilásio Vieira deu um exemplo de organização.

Como convidados do diretório municipal estiveram presentes o candidato a governo do Paraná pelo PMDB, José Richa e o ex-deputado Alencar Furtado, além de candidatos a prefeito e vereadores dos diversos municípios do Vale do Itajaí.

ERNEST

JOAO

ASSIS

Hemingway

Antonio

Brasil

INEDITO E COM EXCLUSIVIDADE

NELLY NOVAES COELHO

Escreve:

21 PEDOS DE PROSA

A consciência ficcional em face da realidade

"Casa Dr. Blumenau"

cultura e história

Empresa Editora Jornal Acadêmico Ltda.
 Caixa Postal 1124
 Rua Amazonas, 1126
 89.100 - Blumenau - SC
 CGC - 8.543397/0001-63
 Junta Comercial
 4220451-40

Registrado no INPI -
 Instituto Nacional de
 Propriedade Industrial.

Jornal Acadêmico:
 Menção Honrosa "Prêmio
 Parker de Jornalismo" pro-
 movido pela Parker Pen do
 Brasil, 1975 (São Paulo).
 Menção Honrosa "Mérito
 Cultural" cedida pela União
 Brasileira de Escritores,
 1981 (Rio de Janeiro).

Diretor e Editor
 Responsável
 Odemar Osse, Jr.

Redação:
 Maria Ozete (maria Osse),
 José Ferreira, Marliés
 Roberto Bardi Saut
 Wilson do Nascimento
 Gervásio Tessiere Luz
 Encas Athanázio

Os conceitos e idéias emi-
 tidos em matérias assinadas
 não expressam, necessári-
 amente, a opinião do Jornal
 e são de inteira responsabi-
 lidade de seus autores.

Todas as matérias podem
 ser reproduzidas no todo ou
 em partes, desde que cita-
 da a fonte.

Composto e impresso nas
 Oficinas Gráficas da "Funda-
 ção Casa Dr. Blumenau".

A Fundação "Casa Dr. Blu-
 menau" é uma instituição his-
 tórico-cultural criada pela Lei
 nº. 1.635 de 7 de abril de 1972.

É composta por um Conse-
 lho Curador integrado por onze
 membros, os quais elegem
 anualmente um Presidente.

É administrada por um Dire-
 tor Executivo que tem nos
 Conselheiros um orientador
 e recebe sugestões para as in-
 ovações nos vários setores.

Tem como principais obje-
 tivos:

Zelar pela conservação do
 patrimônio Histórico e cultu-
 ral de Blumenau, promover a
 conservação e divulgação das
 tradições culturais regionais,
 promover a edição de livros e
 outras publicações que estu-
 dem e divulguem as tradições
 histórico-culturais do Municí-
 pio, assim como outras obras
 que se tenham importância de
 aprimoramento cultural do
 povo, manter bibliotecas, mu-
 seus, pinacotecas, discotecas
 e outras atividades permanen-
 tes ou não, que sirvam como
 instrumento de divulgação
 cultural. Também promove es-
 tudos e pesquisas sobre a his-
 tória, as tradições, o folclore
 a genealogia e outros aspek-
 tos de interesse cultural do
 Município.

Sob sua administração, a
 Fundação "Casa Dr. Blume-
 nau" tem a Biblioteca Públi-
 ca Municipal "Dr. Fritz Muel-
 ler", com um acervo devota-
 mente catalogado no sistema
 mais moderno, de 65 mil vo-
 lumes, entre obras de literatu-
 ra, ficção e coleções diversas
 para estudos e pesquisas. Man-
 têm também a Biblioteca Am-
 bulante, que circula nos bair-
 ros do município, com um a-

ervo contendo de cerca de
 seis mil volumes, sendo pre-
 nheira, em Sta. Catarina, neste
 sistema, para o qual usa um
 veículo tipo Kombi.

Além de duas Bibliotecas, a
 Fundação mantém ainda o
 Museu da Família Colonial,
 com um acervo de 750 peças
 catalogadas, a maioria delas
 que pertenceram às primeiras
 famílias de imigrantes e em
 especial ao próprio fundador
 Dr. Hermann Bruno Otto Blu-
 menau, Fritz Mueller, Emilio
 Gächrecht, Victor Gaertner e
 outros.

O Arquivo Histórico "Prof.
 José Ferreira da Silva", que
 também é mantido e adminis-
 trado pelo Diretor Executivo
 da Fundação possui hoje cerca
 de quinze mil volumes cata-
 logados entre os antigos do-
 cumentos (atos históricos, le-
 gislação, uma estante com cerca
 de 3000 volumes versando so-
 bre literatura do Vale do Itajaí,
 assim como toda a coleção
 dos primeiros jornais publica-
 dos na Colônia - "Flam-
 nauer Zeitung", a partir de
 1884 e "Der Urwaldbote", a
 partir de 1890, todos os volu-
 mes devidamente encaderna-
 dos e em perfeitas condições,
 dos quais, em convenio recente-
 mente firmado entre a Fun-
 dação e o MEC, estão sendo
 feitos micro-filmagens na UNI-
 VERSIDADE de Sta. Catarina,
 em Florianópolis.

Além destes dois jornais
 seguidos no período colonial,
 a Fundação mantém no Arqui-
 vo Histórico as coleções de
 diversos jornais e pequenas
 publicações surgidas no secu-
 lo atual entre as quais do jor-
 nal "A Nação", "Lume", "Lu-
 zeiro Mariano", "O Estado", o

"Jornal de Santa Catarina" e
 outros.

O acervo de Arquivo Histórico
 tem sido progredido por
 personalidades inclusive do ex-
 terior, para pesquisas em bus-
 ca de detalhes do desenvolvi-
 mento sócio-econômico do Mu-
 nicipio colonial, isto é, do sé-
 culo passado. Possui ainda no
 Arquivo milhares de livros
 que registram importantes
 pessoas que viveram no muní-
 cipio desde os primórdios da
 colonização até os dias de ho-
 je.

Tudo isto ainda está ligado,
 num complexo que abrange
 4.000 metros quadrados, ao
 Parque Histórico Edith Gaer-
 tner com um mirante, Jockey e
 uma pequena lagoa, que se
 encarregam das edições da Re-
 vista Blumenau em Cadernos
 — edições mensais — e outras
 obras, entre livros históricos
 e culturais.

Atualmente a Fundação "Ca-
 sa Dr. Blumenau" está compo-
 nhida por 11 membros do seu
 conselho e do diretor ex-
 ceutivo de engenharia de tun-
 cutivo, numa já vitoriosa cam-
 panha para construir o prédio
 destinado ao acervo do Arqui-
 vo Histórico, o qual será cons-
 truído em estilo colonial, sim-
 ples e sem ostentações, mas
 dotado internamente, de to-
 das as exigências que possibi-
 lem a conservação, através
 dos séculos, de todos os docu-
 mentos que possui, buscando
 assim transferir o futuro, o
 que do passado recebeu e con-
 serva com muito carinho. Al-
 gumas empresas industriais
 blumenauenses auxiliam na
 construção, assim como, espe-
 cialmente, o Governo Federal atra-
 vés do MEC e o Estadual, a-
 través da Secretaria de Cultu-
 ra, Esporte e Turismo.

Atenção inventores

Registrem suas invenções:
 Modelo de Utilidade, Máqui-
 nas, Peças e Desenhos, para
 receberem ROYALTIES
 mensais, garantido pelo Go-
 verno Federal. (Quem não
 registra não é dono). King's
 — Marcas e Patentes. Única
 agência em SC junto ao
 INPI central — RJ, à Rua
 15 de Novembro, 600 s/403
 — sede própria, Ed. Mauá —
 Fone: (0473) 22-5595 — Blu-
 menau — SC.



FININVEST
 FININVEST ESPECIAL

— A MELHOR INVENÇÃO DEPOIS DO DINHEIRO —

FAÇA O SEU, POIS ELE É UM CHEQUE ESPECIAL.

(SEM SALDO MÉDIO E SEM DESPESAS)

Rua XV de Novembro, 500 — Fone: (0473) 22-0868

JAISON:

"Minha meta é uma só: um governo popular em SC"

Jaison Barreto é o candidato do PMDB a Governador do Estado de Santa Catarina, apontado que foi na pré-convenção realizada em Florianópolis a 28 de fevereiro último. A folha de serviços do Senador é bastante conhecida de todo o povo catarinense pela sua brilhante atuação no Congresso Nacional. O partido da situação o tem como um dos mais temidos políticos da Oposição. E foi nele que os diretórios e os militantes do PMDB depositaram a confiança de poder derrotar as oligarquias ou até os manipulados por estas oligarquias. (Entrevista cedida a Horácio Braun).

O dia 28 de fevereiro foi um dia de festa para o PMDB em Santa Catarina. Com as suas lideranças reunidas em Florianópolis, o Senador Jaison Barreto, foi indicado como o candidato do partido à Governador do Estado.

Tendo por local o ginásio do SESC, ou as passeatas de rua, a população da capital e representantes de quase todas as cidades do Estado participavam daquela que seria a maior concentração popular em Santa Catarina, dos partidos da Oposição.

"Foi uma verdadeira vitória da democracia" como afirmou Jaison Barreto, logo após a Convenção acrescentando que "o PMDB é um partido aberto e eu sou apenas um militante do mesmo. Nosso compromisso é com a maioria, isto é, o pequeno proprietário que está sendo esmagado pelo capital das multinacionais, a classe traabalhadora e os profissionais liberais".

"Quem tem as mãos sujas do dinheiro público não representa o interesse da maioria. A língua portuguesa é muito clara e eu não vou procurar diminuir o significado das palavras. Ladrão tem que ser chamado de ladrão, corrupto de corrupto, desonesto de desonesto e eu não pretendo conciliar. Daí esta acusação que me fazem que sou malcriado, que invisto contra a honra pessoal".

Na seqüência dos dias após a Convenção, e já com o nome consolidado definitivamente como candidato a Governador do Estado, Jaison Barreto fez declarações importantíssimas para os diversos setores da comunidade, entre os quais destacamos a sua credibilidade na efetivação das eleições em novembro próximo, e que

não há espaço para aventuras golpistas. A este respeito, é enfático.

"De alguma maneira a sociedade soube se organizar nestes 13 ou 17 anos e talvez isso se constitua num verdadeiro milagre brasileiro. Ai estão os aparelhos de repressão; essa triste história da repressão no País. Mas assim mesmo, de alguma maneira, os setores que tiveram mais condições de sobreviver, se organizaram rapidamente.

Está aí a Ordem dos Advogados, a participação clara e evidente da Igreja neste processo de conscientização e de despertar o espírito crítico da população a respeito da sua participação no processo político e os sindicatos, emergentes aí, principalmente os mais possibilitados do que vinha ocorrendo, como acontece em São Paulo: a própria explosão no campo, dos sindicatos rurais, que à primeira vista pareciam atolados à política do Governo e que agora despertaram também para essa luta política e os partidos que, de alguma maneira com mais consciência e com mais perspectiva histórica estão aí abrindo espaço e ajudando a população a se organizar. De modo que não há como se impedir hoje, ou melhor, como se repetir essas aventuras golpistas. Setores do Exército... nós tivemos a manifestação clara do General Serpa na Câmara dos Deputados, demonstrando que a estrutura e sustentação da revolução está fragmentada. Eu acho que o militar bem informado, aquele que tem consciência do seu papel como defensor da Nação como um todo, está cansado de servir de sustentáculo ou de sustentação, em primeiro lugar a um partido político e pior do que isso, a grupos que levaram o País a uma dependência estrangeira vergonhosa, Governo que não resolveu nenhum problema bra-

O
T
T
B
A
R
R
E
T
O



"Foi um povo desinformado, ou pelo menos, com informações distorcidas, com um processo autoritário, que talvez tenha sido um dos mais violentos de toda a história do país".

sileiro, como o da Educação e da Saúde, e que por isso mesmo não tem credibilidade e nem respeitabilidade. De modo que não há como acreditar que essa gente lance um movimento golpista, mas sem sustentação.

Outra declaração do candidato a Governador do Estado pelo PMDB, diz respeito à própria situação do Partido e as possibilidades de vencer as eleições. Jaison não titubeia: "Os exemplos e a história do país têm demonstrado que toda a vez que o povo conseguiu chegar de alguma maneira ao poder se viu obstaculizado de administrar a coisa do Estado. Por isso nós estamos muito mais preocupados é com a organização da sociedade brasileira. Nós entendemos que numa primeira etapa, nós teríamos que em primeiro lugar reorganizar o tecido social brasileiro que foi desestruturado, pela revolução ao impedir que todos os setores da vida brasileira se organizassem com poder de barganha, com força de decisão, a fim de contrapormos assim aos grandes interesses que estão enraizados na administração pública, ela que manipula o interesse público em direção

aos seus interesses particulares, a força destas multinacionais que tomaram conta do país, destes banqueiros que estão desgraçando a Nação. Então, com esta gente nós temos que ter, um povo organizado atrás de nós, com muito espírito crítico, com uma participação clara nas decisões, sob pena de a gente ter que conciliar ou ceder aqueles setores que pela pujança que têm e por mais organizados, sempre tentam obstaculizar o avanço das forças populares".

A respeito de sua campanha como candidato a Governador, Jaison Barreto afirmou que "iremos percorrer todos os cantos deste Estado. De norte a sul e de leste a oeste, ouviremos o clamor e os anseios do povo. Deste princípio partiremos para realmente administrar este Estado, favorecendo as

"Há uma insatisfação generalizada, fruto não só da situação nacional, mas dos desacertos da política administrativa do Governo do Estado".

classes baixas, redistribuindo de uma maneira certa e equitativa toda a riqueza de Santa Catarina. Manteremos contato com os pequenos e médios empresários, enfim todos os segmentos da sociedade, para realmente fazermos um governo popular. Esta é a nossa meta. Esta é a nossa premissa. Este é o nosso desejo. E assim será feito".

Invasão à casa do professor Fletes

não foi um ato isolado

FLORIANÓPOLIS — (ISC) — A invasão promovida pela Polícia Federal à casa do professor miraguanês José Fletes, ocorrida no último dia 13, não foi um ato isolado, mas sim parte da longa vigilância que os órgãos de segurança mantinham sobre o Mestre da UFSC, chefe do Departamento de Ciências Estatísticas e da Computação.

O dossiê sobre Fletes já vinha sendo montado há algum tempo, com agentes destacados especialmente para acompanhar a rotina do Professor numa verdadeira "Missão Fletes". Apesar de nunca ter sentido esta vigilância, Fletes concluiu que ela/tinha sido exercida de maneira constante, a partir de seu segundo interrogatório, que ele classificou como "penete fino". Segundo ele, neste depoimento, ocorrido na segunda-feira e que durou mais de cinco horas, "foi apresentada uma riqueza de detalhes tão grande do que eu fiz a partir de 1978, com falácias textuais, datas e pequenas coisas que nem me lembrava mais, que só me leva a crer que tenha sido seguido durante todos estes anos".

A invasão

Eram 15h 30 min de sexta-feira quando quatro agentes, comandados pelo deleg do do DOPS, João de Deus Cardoso, estacionaram uma Veraneio

em frente à casa do Professor, no Corrego Grande. Sem qualquer mandado judicial, eles literalmente "meteram o pé na porta", apesar dos protestos da esposa de Fletes e passaram a revistar a casa. "Estou respaldado na lei de Segurança Nacional", afirmou o delegado João de Deus Cardoso.

Os agentes selecionaram algum material e levaram dois exemplares da revista "Guerilha do Araguaia", jornais documentos. Neste meio tempo, Fletes já havia sido avisado, a Reitoria da UFSC também e se dirigiu à sua residência, junto com alguns militantes do PT e repórteres. A um repórter, o delegado do DOPS afirmou que se tratava de uma "operação de rotina". O Delegado também intimou Fletes a comparecer à PF naquele dia, para uma conversa inicial. Ele ficou mais três horas "conversando" na PF.

Segundo Interrogatório

Na segunda-feira, Fletes ficou mais de cinco horas na PF, sendo interrogado pelo delegado João de Deus e acompanhado de um advogado da UFSC, um da APUFSC e um do Sindicato dos Engenheiros.

O professor qualificou este interrogatório como um "penete fino", onde foram levantados, com uma imensa riqueza de detalhes, suas participações

em movimentos a partir de 1979. Fletes estava sendo vigiado constantemente e já tinha sido ameaçado de expulsão. Em 1980, um dia após a aprovação por decurso de prazo da Lei dos Estrangeiros, o delegado do DOPS, Reginaldo Coimbra, publicou nota em todos os grandes jornais de Santa Catarina afirmando textualmente para Fletes "que ele se cuide. A Lei dos Estrangeiros existe e ela pode ser aplicada".

Fletes dividiu o interrogatório de segunda-feira em quatro etapas:

Primeiro, desde sua chegada ao Brasil em 1972, até suas participações em movimentos em 1982. Mas foram as diversas participações de Fletes depois de 1979 que foram detalhadas. Foram levantadas suas afirmações em todos os comitês, assembleias, atos públicos e culturais, debates man festações de que participou.

A segunda etapa foi a participação na "Resistência" onde foi levantada a questão da sua nomeação na chefia do Departamento de Computação.

Fletes foi eleito pela maioria dos professores do departamento em 29 de maio de 1981 e só foi empossado, devido a um forte movimento de professores e alunos, em abril de 82. O delegado do DOPS acusou Fletes de ter "instigado professores e alunos para se

revoltarem contra a Reitoria por não ter sido empossado na chefia do departamento".

A terceira etapa foi a sua ligação com partido clandestino, devido aos documentos do Partido Comunista do Brasil, encontrados em sua casa. Fletes colocou que os documentos tinham sido comprados brevemente num encontro de estudantes e que se tratavam de documentos "sem classificação". "Se vocês quiserem ver os documentos de outros partidos. Desde do PDS, JMDB, PT, até do Partidão", colocou ele.

A quarta etapa foi a relação de uma extensa lista de nomes aos quais Fletes deveria colocar sobre seus conhecimentos e relações.

Para Fletes, o quadro que foi pintado pelo Delegado é que ele era um "arvisia político estrangeiro", alguém que tinha ligações com movimentos que "atestam contra a Segurança Nacional" como se ele fosse um "insultante de movimentos para tornar o poder pela força".

Fletes, no seu depoimento, nenhuma vez pretendeu contestar suas afirmações e posições; pelo contrário, procurou mostrar que as mais diversas posições são um direito inalienável da pessoa humana, principalmente dentro de um Estado que se diz democrático.



CAMISETAS PROMOCIONAIS
CAMISAS, CAMISETAS, CONJUNTO EM
MALHAS DE ALGODÃO

Rua General Osório, 950 - C.P. 2088
Fone (0473) 22-4438 - Bairro da Velha - Bl. SC.

PROBST



Estudante!
Crie, use, renove, construa.



CineFoto CARLOS

Câmaras - Filmes - Projetores - Revelações a Cores
Fotos p/Documentos, Casamentos Etc...

Rua Curt Hering, 320 - Loja 3 - Caixa Postal, 1467 - Fone 22-4333
Em frente ao Correio - 89100-BLUMENAU - SANTA CATARINA

Como sabemos, é essa a natureza básica do conto; e é do maior ou menor poder de síntese/sugestão, patente em sua escrita, que se pode decidir do maior ou menor valor do escritor, como "contista".

Lidos por esse prisma, a quase totalidade dos contos incluídos nesta coletânea revelam em seus autores e autoras, a par da variedade dos contistas, aquela que a partir de um incidente ou situação, conseguem sugerir a totalidade abrangente de uma vida, drama, época, etc.

É o caso, entre outros, de: "O Prisioneiro da Caverna Vermelha" de J.N. Carvalho; "O Último Dia de Caça" de A. Boos Jr.; "A Perseguição" de S. Miguel; "A Herança Maldita" de Jean-Paul Sartre de O. Olsen Jr.; "Agenda para 1 e/ou 2" de Amalino Issa; "Dia de Pagamento" de F. J. Cardoso; "A Promessa" de E. Van Straten; etc. Ainda dentro do rigor de síntese/sugestão que a forma do conto, por natureza, exige, pode-se concluir que, nesta coletânea, há alguns escritos que, embora muito bem logrados do ponto de vista da concisão e realização literária, revelam em seus autores, uma nítida tendência para a complexidade do "novelisco" (o que fixa a heterogeneidade da vida, em momentos encaixados, mas independentes entre si) ou para a unidade panorâmica do romance (que unifica os diferentes momentos de vida em torno de um só eixo dramático). Estariam nessa linha: "Eicharia A sustada" de E. Athanázio; "O Avião não vai mais descer" de P. Silva; "João Batista Nogueira, chofer de táxi" de A. Neves; "Todos os ausentes se chamam Marcelo" de E. M. Vieira; "A Volta de Isabel" de I. Mafra ou "Conjunto Habitacional" de A. Zanon.

Entretanto, sejam eles autênticos "contos" ou ficções tendentes ao "novelisco" ou ao "romanesco", a verdade é que todos os escritos reunidos nesta coletânea, em maior ou menor grau, são narrativas que "agarram" o leitor. Isto é, conseguem envolvê-lo como o encanto, a emoção ou o enigma de suas tramas.

Mais importante, porém, do que seu encanto narrativo, é a marca de atualidade que, como dissemos, os sintoniza com os tempos que correm. Termo que se presta às mais diferentes interpretações. "Atualidade" está aqui empregada com o novo sentido que lhe vem sendo atribuído. Hoje, em literatura, o "atual", o "contemporâneo" não se de-

tece em deterraçadas técnicas, estilos, estruturas, estruturas ou temas, mas antes em determinada consciência manifestada pelo escritor ou suas personagens, em relação ao seu estar-no-mundo, às relações ao seu próprio tempo. Posicionamento que em sua expressão literária, transparece muito mais na ênfase dada à consciência que ele tem do real que o real, do que ao registro de lista ou descrição objetiva desse real, objetivamente vivido.

Neste sentido, praticamente todos os contos aqui em questão, são atuais.

Mostram muito mais a preocupação do autor com a posição crítica a ser assumida em face do real ali registrado, do que com a possível fidelidade realista desse registro.

Apesar da multiplicitude de aspectos que relativiza qualquer fenômeno e nos impede de chegar a uma interpretação unívoca, pode-se dizer (sem muito risco de equívoco) que a "atualidade" de um escritor, hoje, está na consciência que ele tenha, de seu próprio poder criador ou da responsabilidade de sua palavra na criação das realidades que cabe ao homem viver. E esta, sem dúvida, a atitude básica de um escritor "atual" e também o que, em última análise, explica a heterogeneidade de estilos ou tendências estilísticas da literatura contemporânea. Cada escritor empenha-se na busca de sua própria palavra, de seu próprio discurso narrativo, consciente de que é ele que dará forma concreta ao real, tal como este se projeta ou repercute na consciência que o acolhe.

Daí que um dos componentes essenciais da criação literária "atualizada" é a certeza, no escritor, do valor genético ou criador da linguagem. "A Arte cria o Real", disse o fenomenólogo M. Merleau. E é a partir dessa certeza que o escritor atual manipula o seu discurso literário. Uma certeza que está patente ou latente na maioria dos contos destes 21 DEDOS DE PRÓSA.

O poder criador da palavra

É o que está latente, por exemplo, no conto de Oldemar Olsen Jr., "A Herança Maldita de Jean-Paul Sartre", onde ao fazer o inventário crítico da cultura herdada e ainda atuante em nossos dias, o narrador torna manifesto que, ainda e sempre, cabe à palavra a tarefa de concretizar a realidade vivida. Ao nível da fábula, temos um personagem

solitário, Miguel, que numa mesa de bar "filosofa" sobre a situação do homem no mundo e bebe cerveja. Escolhendo a reflexão filosófica como matéria de seu conto, Olsen Jr. corre o risco de cair no ensaísmo ou, lugar de criar o narrador. Entretanto, venceu o perigo e sua escritura alcança uma alta temperatura poética.

Partindo do questionamento da "liberdade" como "essência" (segundo o pensamento existencialista sartriano), Miguel (personagem - em situação, em quem o narrador está aderido) enuncia a responsabilidade do homem como "criador" de valores. Embora não esteja explícito no discurso narrativo que essa "criação" se faz através da palavra, isso se torna claro na própria matéria da elaboração, que consiste basicamente em um "inventário" da cultura herdada e que nos foi transmitida por escrito e não por transmissão oral. Note-se, ainda, que a grafia antiga, "criar" (em lugar de "criar") usada por Olsen Jr., evidencia que o poder criador da palavra é uma das pedras-de-toque de próprio conto. Em nota de rodapé, tal grafia chega a ser explicitada: "Criar e a manifestação da Essência em relação de existência — criar, e a transição de uma existência par outra existência".

O ficcionista, o poeta, o filósofo... seriam, pois, criadores. Isto é, ao instaurarem em palavra os novos valores, idéias, ideais ou pensamentos (essência) estariam inaugurando uma nova forma (existência).

E essa a idéia-chave a que nos levam as labirínticas reflexões do personagem. Para além dessa valorização do ato de criar (ou de "criar"), o conto de Olsen Jr. registra também (atrás de uma bem urdida situação narrativa) a desesperada impotência do homem contemporâneo para "escolher" uma forma de "existência" que revele a ele mesmo sua verdadeira "essência". A expressiva metáfora dessa impotência é o gesto repetitivo de Miguel, bebendo uma cerveja após outra, enquanto por sua mente iam desfilar nomes-símbolos que impulsionaram a cultura ocidental (Sartre, Freud, Heidegger, Max. Platão, Aristóteles, Nietzsche, Engels, Pascal, Voltaire, etc). Nesse contraste, entre pensamento e ação, evidencia-se a degradação dos ideais a que estamos condenados, neste mundo, e tam-

bém a falácia da "liberdade" individual, dentro de um mundo em que tudo já está pré-determinado.

Enfim, a sintonia deste "A Herança Maldita de J.P. Sartre" com aquilo que se vem impoendo como a "atualidade", hoje em cultura literária, revela-se no mesmo estilo, pelo fragmentarismo do discurso narrativo e, sobretudo, pelas questões e problemas se fundem de maneira essencial; no plano da transigração, pela certeza de que o verdadeiro real a ser registrado pela palavra ficcional é aquele percebido por uma consciência crítica, e no plano das idéias, pela "atitude" de que estamos vivendo um momento-limite: ponto de chegada dos valores herdados e, ao mesmo tempo, ponto de partida para a renvenção desses valores ou outro nível de relações ou vivências.

Muito importante, como índice dessa consciência crítica, são as últimas palavras do conto, registradas em maiúsculas: "SEM IMPORTANCIA COLETIVA, SIMPLEMENTE

teraria: o indivíduo não exige a plenitude do ser-em-si do estar-no-mundo, se não sente parte integrante do mundo em que está. Situação não tiver consciência de suas raízes, mergulhamos uma "força" que o trás de al fronte e da realidade aparente que de viver ali".

Em grande parte dos contos desta COLEÇÃO DE 21 SA esta presente esse sentido de Olsen Jr., quanto à formação da própria liberdade do homem na escolha "existência" que permita a criação de sua "verdadeira consciência" individual e específica. Há no clima desta coletânea, e consciente ou inconscientemente, uma pergunta constante, onde está a liberdade neste nosso mundo pré-geminado? — neste mundo que vive sob a "diadema da privacidade", onde os indivíduos, Edegger, e do qual a privacidade do viver vai sendo inexoravelmente excluída?

O drama contemporâneo a perda da privacidade. São muitos os e certos a

«21 dedos de

UM INDIVÍDUO!". Essa conclusão, aparentemente derrotista, tem seu lado positivo. Pois a verdade é que a partir do momento em que alcançamos plena consciência do drama a que o Sistema-de-Vida vigente nos condena, vivermos "sem importância coletiva", já um outro caminho para a ação se abre à nossa frente. Qual será ele? Por enquanto é prematuro qualquer afirmação. O que já se sabe é que não pode durar muito mais tempo, este viver absurdo, que não permite ao indivíduo sentir-se parte essencial e integrante de um todo ou da coletividade, mas pelo contrário: minimiza a sua importância, esmagando em benefício das "forças ocultas" de um Progresso-em-contínuo desenvolvimento, tal como o exige a poderosa Sociedade-de Consumo que decide nossos destinos.

Na perplexidade, angústia ou náusea que se sucedem ao personagem de Olsen Jr., podemos perceber a problemática básica de sua matéria li-

em questão que denota a perda da individualidade ou da submersão do indivíduo na massa amorfa de uma letividade passiva, onde o indivíduo vive uma existência não só anônima, mas propriamente inautêntica, por insulada, separada dos demais. E neste isolamento, sem desejo, radica um avassalador e avassalador, impedido de privacidade no seu viver, é levado às forças-ambiente a submergir na massa coletiva; entanto, sente-se isolado e dela, por ser impedido de exercer ali qualquer ação pontânea e criadora ou de sentir realmente útil.

Por outro lado, seu isolamento interior não lhe permite o voltar-se sobre si mesmo em busca de suas próprias fontes, por que se atenciona constantemente "paxada" para fora, é "teleguiada" por um conjunto de "ordens" que vive que não lhe deixam outras opções. Emanadas de um sistema total (apar-

teraria: o indivíduo não atinge a plenitude do ser-em-si ou do estar-no-mundo, se não se sente parte integrante do Todo em que está situado; se não tiver consciência de que suas ações participam em uma "tórca" que é transcendente à liberdade e da unidade ao presente das do viver atual.

Em grande parte dos contos de E.M. VIEIRA DE OLIVEIRA há esta presente esse geminário de Olsen Jr., quanto à acentuação da preciosa liberdade de homem na "escolha da existência" que permita a aparição de sua verdadeira "essência" individual e específica. Há no clima desta coletânea, e consistentemente ou inconscientemente, uma pergunta constante: onde está a liberdade deste nosso mundo pré-determinado? — neste mundo que vive sob a "ditadura da publicidade", e onde Heidegger, e do qual a privacidade do viver vai sendo inexoravelmente excluída?

O drama contemporâneo: a perda da privacidade. São muitos os e muitos aqui

mente criado pela coletividade e difundido (pelos vários meios de comunicação) tais "ordens", na verdade, não foram gerados pela necessidade de um viver autêntico, comum a todos, mas pelo interesse da "engrenagem" que move o Poder e o Progresso e da qual ninguém escapa.

O drama humano que surge na raiz dessa "engrenagem", resulta do fato de que os valores errados defendidos — ou divulgados por ela — não obedecem a nenhuma hierarquia existencial ou ética, mas estão todos nivelados, subordinados a um único parâmetro: a oportunidade a utilidade ou os interesses imediatos. E o que está implícito na fala motu-contínua de "Agenda para 1 e/ou 2" de Amalino Issa. O leito em que corre o seu fluxo narrativo é, sem dúvida, a consciência de que, no sistema de valores que regem a vida contemporânea, tudo está nivelado; o próprio sistema se elege como parâmetro de seus valores e tudo nele é dado como verdade absoluta e indiscutível. Daí a sensação

ponto de apoio para uma ação fecunda e realizadora): ou o homem reflete sobre o impasse em que vive, como o faz Miguel em "A Herança Maldita..." ou se agarra a um ideal e luta, como o faz Marcelo, no conto de Emmanuel Medeiros Vieira, "Todos os Ausentes se Chamam Marcelo". Mas o resultado é o mesmo: a inação, a frustração, a inflexão do indivíduo como parte essencial da Sociedade onus deve atuar.

Neste "Todos os Ausentes se Chamam Marcelo", aponta-se para um tempo histórico preciso: o destes anos de ditadura militar que recrudesceram os naturais meios de opressão da Sociedade contra o pensamento e o gesto livre do indivíduo.

Em estilo ágil, objetivo, mesclando tempos e espaços, problemas das mais diferentes naturezas e tratando o "trágico" com uma ponta de humor ou de grotesco que o atenua (ou intensifica...), esta prosa "novelista" de E.M. Vieira é bem o testemunho do entrelaçamento de forças que vem pressionando várias gerações, divididas entre uma Tradição que se prolonga e uma Inovação que tenta abrir caminho.

Ao nível da fábula, o drama de Marcelo é claramente equacionado, como o de um... "brasileiro consciente que tinha 20 anos em 64 e já passara pela experiência dos grêmios estudantis, jornais de colégio, muitas leituras, conferências, misturadas..." e que já "advogado, causas civis e trabalhistas" enfrenta o bloqueio ou o desgaste de seus ideais, devido à resistência da engrenagem. Durante anos resiste. Tenta inúmeras possibilidades de atuar, mas acaba sendo vencido: "Marcelo ensandeceu numa tarde de julho". Depois de uma lenta e penosa recuperação, volta "readaptado", entra na rotina normal sem inquietações, nem "gestos rebeldes". E a certa altura, chega a admitir: "estamos integrados, funcionalizados e o país se modernizou, cresceu, veio satélite, TV, nenhum gesto individual tem importância hoje"... Nessa última frase está, sem dúvida, o cerne do problema que só será resolvido quando os novos tempos chegarem.

Note-se, ainda, que embora o drama de Marcelo esteja situado em um tempo histórico preciso (o do pós-64 ainda em curso...) não podemos, de maneira simplista, atribuí-lo exclusivamente à es-

se tempo de exceção (que reforça a resignação, a conformidade e o silêncio...). Em plano mais amplo, seu drama se identifica com o que vem sendo vivido pelos indivíduos conscientes, neste mundo plangente em transformação.

Tal identificação torna-se mais evidente, ao percebermos que uma das constantes mais significativas nos contos desta coletânea é a frustração ou a degradação existencial direta ou indiretamente provocada pelas forças inibidoras com que as Sociedades concebem a plena expansão da liberdade individual.

Enfim, são poucos os contos desta coletânea que não apresentem de maneira realista ou de maneira alegórica, essa sensação de ameaça à integridade pessoal, advinda de forças não identificadas, mas inexoráveis que, a priori, condenam o indivíduo sem que ele saiba por que.

Ao nível alegórico, apontamos os excelentes contos de Adolfo Boos Jr., "O Último Dia de Caça" e de Salim Miguel "A Perseguição". Ambos têm como eixo da fábula, uma mulher que se sente perseguida, de maneira inexplicável mas irredutível, de repente, dentro do cotidiano diurno, comum e prosaico de sua cidade.

Mantendo com segurança o fluxo narrativo, ambos os autores conseguem criar e manter em ascensão o clima de tensão, enigma e ameaça que a "situação" em foco exige: Narrativa radicada no real, isto é, registrando um cenário cotidiano, absolutamente familiar e normal, gradativamente, em ambos os contos, ela se vai adensando de sugestões, medos e enigmas até o climax final, com a fuga abruptamente interrompida e a certeza de que o "perseguidor" finalmente alcançará sua vítima. E nesse "crescendo" de emoções que de certo momento em diante, o leitor sente o discurso narrativo deslizar do registro realista para o alegórico. E sente que aquela "perseguição" absurda não se exerce apenas contra aquelas duas mulheres-personagens, mas é condição inerente ao viver. Evidentemente, ao deslizar para o plano do alegórico, inúmeras são as interpretações que podem ocorrer ao leitor... tudo depende das relações que ele estabeleça com o texto.

A técnica do contraste: a ambigüidade da vida contemporânea. Na linha de denúncia do

mundo amoral ou violento (que se oferece quase como única alternativa ao homem contemporâneo), há uma série de contos esplêndidos como realidades literárias, escritos em registro estilisticamente realista, e que exemplificam bem a pluralidade de estilos, linguagem, atmosfera, ritmo narrativo, etc., que caracterizam a criação atual. A despeito da diversidade dos temas e problemas próprios a cada um, todos se identificam por certo processo narrativo: o que se fundamenta no contraste estabelecido entre a profundidade do drama ali narrado e a leveza da linguagem "direta", quase "bril", isto é, despojada de enovelidade ou calor humano.

Estão nessa linha, os dramas pungentes de "Dia de Pagamento" de Flávio José Cardoso, "Um Filho" de Fald N. Lencin e "Per que, pai?". E também o único americano de "Festinha Intima" de Roldemar Menezes; ou ainda a tragédia (força dos contos "Indigestão" de Bento Silveira, "João F. Silva, Neg. para o choler de José" de Amílcar Neves e "Comun. Hospitalar" de Arêmio Zanon).

Com relação à técnica, o contraste (in)gragem, aqui, deservido, sempre transmissor de um conteúdo dramático (ou), destacamos a prosa "moto-contínua" de Amalino Issa em "Agenda para 1 e/ou 2". Conto verdadeiramente exemplar como exploração de linguagem, e como registro ficcional de certa realidade típica dos nossos tempos — as relações de negócios e de amores ocasionais, esta "Agenda..." utiliza como matéria de fábula, todos os índices que, de imediato, denunciam o "estranhamento" humano ou afetivo da vida contemporânea.

O que se impõe desde logo é o ritmo acelerado da fala narradora, identificando-se com a pressa, a urgência do viver atual. No eu-que-fala incessantemente, transparece a figura do "executivo" ou do "relações públicas", — funções profissionais criadas pela engrenagem-do-consumo-e-dolucro, e cujos critérios de valor se pautam não, pelo valor intrínseco dos seres ou das coisas, mas de sua eventual utilidade, em determinado momento.

Daí a superficialidade ou a precariedade das relações que se estabelecem entre o indivíduo e tudo o mais que o ro-

(Continua)

Contos de prosa

em questão que denunciam essa perda da individualidade e da submersão do indivíduo na massa amorfa de uma coletividade passiva, onde ele, isolado vive uma existência que só anônima, mas praticamente inautêntica, porque anulada, separada dos demais. É neste fenômeno que, sem que se saiba um dos aspectos do viver atual: o indivíduo, impedido de privacidade no seu viver, é levado pelas forças ambiente a submergir na massa coletiva; entretanto, sente-se isolado dentro dela, por ser impedido de exercer ali qualquer ação espontânea e criadora ou de se sentir realmente útil.

Por outro lado, seu isolamento interior não lhe permite o voltar-se sobre si mesmo em busca de suas próprias fontes, por que sua atenção é constantemente "fixada" para fora e "teleguiada" por um conjunto de "ordens" de caráter que não lhe deixam outras opções. Linhas de um sistema total (aparente-

de inautenticidade ou de frustração existencial que caracteriza os "anti-heróis" da ficção contemporânea.

E essa frustração, um dos aspectos básicos da problemática escavada pelas reflexões do personagem de Olsen Jr., que a certa altura diz explicitamente: "Estamos em uma era de insetos, existimos independente de qualquer coisa: somos os artifices de nossas próprias misérias. Portanto, é inútil alegarmos a algum fator externo nosso existir... O homem é o criador de seus próprios valores, o culto a valores errados produz no ser a obsessão negativista de ser inútil; mas como vou saber se estou errado se nada esta certo? (p. 72).

E o que esta coletânea revela é que são duas, as atitudes possíveis diante dessa ausência de parâmetros que permitem a certeza do certo ou do errado (ou de um valor superior e absoluto que surge de

deia, e que o texto denuncia com agudez. Dominando com segurança seu discurso narrativo, Amaline Issa utiliza um processo de composição organicamente coerente com a imagem-de-mundo ali patente. Muito se teria para analisar nesse processo de composição, mas aqui registraremos apenas alguns dos aspectos mais evidentes da intencionalidade crítica do texto.

Note-se, por exemplo, que a "situação" que dá início à efabulação, se concretiza sob a forma de diálogo (exatamente aquela mais direta no estabelecer a comunicação entre os seres). Entretanto, aqui o diálogo se faz indiretamente, através do telefone (forma de comunicação que, no mundo moderno, vem gradativamente substituindo a verdadeira convivência humana). E mais, intensificando a conotação precária desse diálogo telefônico, o texto registra apenas uma das vozes, circunstâncias que, automaticamente, transformam o diálogo em monólogo.

— Entendi. E que estou com pressa, eu já entendi sei, Lucas, você é meu amigo, é amigo de todos, sei que você está agindo no interesse da causa, mas que não quer prejudicar ninguém, não quer abalar a segurança, a continuidade do trabalho. Isto, mas você nunca seria um delator, nem traidor, faria as coisas bem, chega! Abuso de confiança, não vejo nenhum, preciso desligar, tenho que entregar um projeto para os homens, tenho um compromisso inadiável e uma hipótese de compromisso, já lhe disse, mistério velado... (p. 29)

Da mesma forma as "situações" que se sucedem, apesar de serem encor, mas, ou "relembros do amor, da infância com sua equipe de futebol, ora com mulheres já casadas, também um dia, ainda e sempre a tal do eu narrador.

— Só organizei um estubo. Não, nenhuma estratégia deve ser fixa, sobretudo nesses casos. De longe, pensei não; esqueço de perto pode ser outra coisa... / E... Agilidade, adequação. / B... / Mas isso eu não sei, não sei a natureza. / Não, uma referência a você. Como se estivesse agindo pessoalmente sobre o problema posto entre eles e vocês... (p. 30) ou

— Gostou? Heia? você gostou, Norma, heia? Ah, que dia de louco; você sabe o que é de louco? Heia? você sabe, heia? / ... / Abra a janela. Venha cá. Está tudo bem com você? Por perguntar, você não fica satisfeito que eu pergunte se

está tudo bem com você E sua amiga, como vai? A Lola, é (p. 30/31).

As rarás vezes que a outra voz se faz ouvir em resposta, é quase como um eco da voz central. Aparentemente gratuito, esse falar moto-contínuo é, entretanto, revelador da burocracia, código/ou esquema que pré-determina as relações humanas dentro do atual sistema de vida, e que as tornam radicalmente inautênticas ou superficiais. Daí a omni-presença do monólogo, — o que o outro pensa não importa, pois as regras do jogo já estão decididas, e o "outro" é sempre um joguete.

O Real e o Imaginário: Abertura para um novo Conhecimento

Outra área importante da ficção atual é a que oscila entre o Real e o Imaginário. E também ela está presente nesta coletânea em contos cuja efabulação dificilmente pode ser explicada pela lógica comum. Bem diferentes entre si, todos eles fundem a realidade com o enigma do fantástico ou do onírico, ou mais simplesmente, com o trans-real. "Lachuma Assinada" de Enéas Athanazio (excelsa na linha do "contador de histórias"), arraigado no humor regionalista e em linguagem de sabor típico, registra de maneira rigorosamente realista, um "caso" de encontro com o demoníaco, cuja verdade ou realidade efetiva nós, leitores, não temos condições de negar. O segredo fica entre nós e a sabedoria, consciente do narrador, ninguém fica sabendo o que se passou com o infeliz caçador. Memorável, naquela escuridão noturna de mundo.

Da mesma forma, realidade é fantástico se tomarmos as efabulações tão diferentes como as de "Visitante Noturno" de Glauco Rodrigues Corrêa; "O Portão" de Wilson Nascimento; "Jurual" de Pinheiro Neto ou "O Cantochão e a Sombra" de Silveira de Souza. Discernia, amplamente, as diferenças qualitativas ou Rmitadas de cada uma, levarmos-nos-íamos a pensar no parâmetro desta forma. Testamentos porfiria, o último, "O Cantochão e a Sombra", pois além de sua realização literária de alto nível, ele tem, a nosso ver, uma dimensão alegórica muito importante para a crise de Conhecimento que assalta o homem contemporâneo. Seu significado mais profundo aponta para a fronteira que deve se ultrapassar, não pelo ho-

mem, em relação ao conhecimento de seu próprio ser, em relação ao universo.

A fábula deste conto se resume nas experiências extra-sensoriais, a que se entrega o eu-narrador, em busca de uma nova verdade.

"Marcela trouxe a vasilha de barro que continha o líquido verde. Eu deveria beber, disse ela, como alguém que se despede de uma terra estranha para chegar à verdadeira terra. Aquela que é única e exclusiva, mas permite compreender todas as outras." (p. 93)

Sua efabulação adentra a zona do onírio (ou do fantástico) e desfaz as fronteiras entre real e trans-real. Pelas peculiaridades das experiências vividas pelo personagem (algumas delas se assemelham a verdadeiros rituais de iniciação...), ousamos interpretá-las como uma alegoria do esforço que está sendo desenvolvido pelo homem atual, no sentido de encontrar novas respostas às eternas perguntas "definitivas": quem sou? que faço aqui? de onde vim? para onde vou?

Confrontadas entre si e ligadas umas às outras por uma visão de conjunto, as estranhas experiências que compõem a efabulação de "O Cantochão e a Sombra" (de difícil interpretação unívoca, pois são essencialmente simbólicas...), parecem apontar para uma nova percepção do universo, intuído agora como uma poderosa energia criadora. É o que diz claramente, a certa altura de suas visões, o eu-narrador:

"... pois não existiam Avatares, nem xanxás, nem cristos; existiam impulsos delirados que dirijam rigorosamente cada espírito e existiam sensações indefinidas que, em conjunto, no meu soalho, se sentia um Avançar e esta — ah! ah! ah! ah! — esta era a única iluminação possível." (p. 99)

De início, essa nova visão do universo ou do Real se impõe de maneira ameaçadora ao humano, mas terminado o "sonho" ao voltar à consciência, e se que a sensação também volta ao espírito do eu-narrador:

"... em breve eu estaria mais apto para reconhecer a luta fundamental de todos os homens."

Com essa conclusão, a narrativa se encerra, e o que fica no espírito do leitor é a sugestão das novas realidades a serem descobertas nos fundamentos da vida.

Além, o enigma da condição humana está latente em todos os contos acima referidos co-

mo oscilantes entre o real e o trans-real. Como explicarmos, por exemplo, a poderosa força que impulsiona para um ato realizador demoníaco, ao aborto de gente que é Jurual, no conto de Pinheiro Neto? Ou a bela-horível "possessão" que se realiza diante de nós, leitores, no "Visitante Noturno" de G. R. Corrêa.

Ou ainda, o mágico que irrompe na prosaica realidade registrada em "O Portão" de V. Nascimento? Todas essas situações permanecem inexplicáveis no plano da lógica comum... Sem dúvida, talvez possam ser compreendidas como resultantes de forças vitais poderosas e desconhecidas. Em "Jurual", um abissal instinto de vida e de necessidade de atuação; em "O Portão", a defesa da fantasia, do imaginário ou do espírito lúdico do homem, contra a esterilidade de uma vida estática e prosaica; e em "O Visitante Noturno", o indomável impulso erótico vencendo as barreiras que pretendem castrá-lo e criando uma supra-realidade, onde ele encontra a plena realização.

Além, não podemos esquecer essa leitura sem mencionarmos a presença do sexo (ou do erótico) que nos passa pela maioria dos escritos deste 21 DEBOS DE PINHEIRO, mesclada às demais paixões ou forças que impulsionam a vida humana. Vejamos, por exemplo, o ambíguo significado que o sexo adquire em "O Prisioneiro da Caverna Vermelha". Realizando estrutura e estilisticamente em perfeita coerência com a "situação" ali desenvolvida, este conto de João Nicolau Curralho, é uma narrativa fragmentada, cujos pedaços não se fundem no texto como um todo, mas ficam tal qual a estrutura do personagem em movimento, a tônica do seu consciente os pedaços de vida que poderiam explicar o destino que quase o tornou um crânio. Um importante enfoque do problema das relações sexuais, este conto, a nosso ver, detecta no fundo abissal de seu personagem, o avassalante que é uma "fórmula" a ser feita. A Mulher... e que a Psicologia tentaria detectar e explicar.

Por este breve panorama da leitura, já se pode perceber que esta coletânea 21 DEBOS DE PROSA, nitidamente o objetivo com que a Associação Catarinense de Escritores a lançou. Revelou-se não só "representativa da situação atual do conto catarinense", como também das principais tendências do conto brasileiro em geral.

Memimos, o rei está nu

José Endouça Martins

"A NUDEZ E A NOSSA SI PRA-EUAL REALIDADE"

Para Vânia,
um vento medroso.

E quando o povo descobriu
que o rei tava nu
foi o diacho,
tudo se transformou:
o que dava pena
só deu cacho;
e o que tava por cima
ficou por baixo;
o que era quente
morreu de frio;
e o grande e imenso mar
num instante, virou rio
por que o rei estava nu.
Por que o rei estava nu
o sertão, ensandeceu,
Lampião se escafedeu
e aportou em Brasília;
el, Corisco, Maria Bonita e
uma filha
que ele não vira nascer;
pegou, então, sua mamada
rumo direto pro Alvorada
e, gritando alto e bom-som,
proclamou a independência do
sertão.

E o sertão virou mar,
um mar de pura alegria,
onde Maria Bonita era égua
que pastava noite e dia
enquanto Corisco fazia
o que queria,
exercitando na paz
uma força sem serventia;
e Lampião coitou à exaustão
durante seis dias
e descansou no Sétimo
como é costume no sertão.
E mais fez o danado,
na voracidade de santo,
vestiu surrado manto branco

calçou bota e gibão
e perpetrou coisas pior que o
[Cão:
castrou homens sem sexo,
riscou frases sem nexu
nas portas da repressão.
E tudo foi aclarando
nessa geléia geral;
o Coronel perdeu o posto,
também o filho do General
o Tenente tremeu de febre
e nem tinha Melhoral,
as coisas se revelando
problemas do Iapoque ao
[Xingu

e o rei não viu nada
por que o rei estava nu.
E quando o povo descobriu
que o rei estava nu
foi o diacho
tudo se transformou:
feitura virou beleza,
alegria virou em dor,
quem era dono virou escravo,
escravo virou senhor;
nascente virou poente
e o Norte virou Sul
só por que o rei estava nu.
Só por que o rei estava nu
Garibaldi viu o Papa
neste dia não blasfemou;
Anita, Catarina catita,
neste dia acovardou,
Macunaima criou caráter
e foi trabalhar de office-boy
numa repartição da Funarte.
E o Boto, moco bonito,
em noite de lua cheia
esquecendo as donzelas
andou perseguindo sereias;

e ele que só copulava de noite
com as virgens da freguesia
mudou de mania:
agora, copula alternadamente:
um dia, de noite,
no outro, de noite e de dia;
per que como se diz no Níngu
é preciso mudar de jeito
já que o rei está nu.
Já que o rei está nu
tudo virou contra-mão,
o povo que antes chorava
riu deliciosamente
do leite, da carne e do pão;
e o rei nem viu
que cada riso do povo
era como soco de mão
e cada berro do povo
doia mais que esporão
e que o olhar doido do povo
era uma guilhotina
pra decepar nossa esperança
feita de Sonrisal e Cafiaspi-
rina

E gente desta latria,
que é o Palácio T. Real
Marilyn Monroe, a menina,
foi estropada cem vezes
por trás da manchete do jor-
nal

do dia
que dizia:
"ESQUADRAO DA MORTE
SOCORRE MARGINAL;"
E tudo isso desacontecendo
e eu aqui na praça
dando milho aos pombos,
dando milho aos tontos
desta orgia geral
só por que o rei ficou nu

quando foi passar o Carnaval
numa praia de Côte D'Azur.
"E tudo isso acontecendo
e eu aqui na praça"
vendo a vagina do dia
se abrindo em festa e cantoria
pra louvar quem não merece,
o primeiro e o derradeiro
instante da nossa fantasia;
e para dizer que o Espírito
Santo
que mora em Ifu
foi ser governador da Bahia
só, por que o rei estava nu
enquanto Jesus
pelo mesmo motivo,
menino bom e vivo
foi ser governador de Belém
e, agora, vive e reina
com honra e alegria
ao lado da Virgem Maria
por todos os séculos. Amém.
"E dando o tramite por fuido"
o rei que estava nu
ficou nu.
Pinto do que
Se a nudez não consola
e só "quem sabe faz a hora
não espera acontecer"
E o que fez o rei nesta hora?
Reuniu seu séquito gigante:
Freud, Marx, Hitler, Picasso,
Sinatra
um cortejo pirata
e foi pra neve esguar.
E o povo vendo aquela nudez
achou tudo aquilo bonito,
seguiu o exemplo do rei:
ROUPAS, PORÁ!
O povo está nu outra vez

Concurso de Monografia

1. A Prefeitura Municipal de Biguaçu e a Fundação Catarinense de Cultura promovem o Concurso Estadual de Monografia — Biguaçu 153 Anos.

2. Os participantes poderão ser pessoas de qualquer formação escolar, residentes ou não em Santa Catarina.

3. Os trabalhos deverão versar sobre a história do Município de Biguaçu, abordando sua evolução sócio-econômica, política e cultural.

4. Os trabalhos concorrentes deverão ser inéditos, contendo no mínimo 60 e no máximo 100 laudas, com 30 linhas datilografadas em espaço dos num. so lado da folha em papel formato ofício

encaminhados em três vias, em envelopes fechados contendo apenas o pseudônimo do autor. Dentro deste, um envelope menor, com identificação, endereço do autor e pseudônimo.

6. Os trabalhos deverão ser remetidos, até o dia 1º de dezembro de 1982, para a Prefeitura Municipal de Biguaçu ou Fundação Catarinense de Cultura, Rua Victor Konder, 71 — Florianópolis, SC.

7. A Comissão Julgadora será formada por pessoas ligadas à área de estudos históricos, sendo três designados pela Prefeitura Municipal de Biguaçu e três pela Fundação Catarinense de Cultura.

8. Serão classificados três

1º lugar Cr\$ 150.000,00
2º lugar Cr\$ 70.000,00
3º lugar Cr\$ 30.000,00

9. O trabalho classificado em 1º lugar poderá eventualmente ser publicado pela Fundação Catarinense de Cultura.

10. A divulgação dos resultados será feita a partir do dia 15 de dezembro de 1982.

11. A partir da data da divulgação dos resultados, os originais estarão à disposição dos autores pelo prazo de 90 dias, após o que serão incinerados.

12. Os casos omissos serão decididos, em conjunto, pelas Comissões Julgadora e Organizadora.

Módulo

É uma revista interessante e gostosa de se ver e ler. Depois, vira um objeto cultural desses que a gente guarda e tem vontade de manusear de vez em quando. E no meu caso pessoal, MÓDULO trás de quebra uma saudade danada da Faculdade de arquitetura.

Chico Buarque de Holanda

ASSINE MÓDULO

Rua Professor Alfredo Gomes, 28
22-251 - Rio de Janeiro - RJ

Programação do Encontro Nacional Sobre Cheias

Em correspondência enviada ao Presidente da Associação Catarinense de Preservação da Natureza - ACAPRENA, Lauro Eduardo Bacca, o Presidente da Associação Brasileira de Prevenção da Poluição do Ar e Defesa do Meio Ambiente, Randolfo Marques Lobato, divulgou a programação do I Encontro Nacional sobre Cheias, Enchentes e Inundações - Cursos D'Água e Urbanismo, que deverá se realizar em Blumenau, entre os próximos dias 25 a 27 de agosto, no Centro de Convenções Carlos Gomes.

Este Encontro, é uma promoção da Associação Brasileira de Prevenção à Poluição do Ar, em colaboração com o Museu "Fritz Müller" de Blumenau, e Secretaria Municipal de Turismo.

No Sessão Solene de Abertura, dia 25, às 20h 30 min, o Presidente Nacional da ABPPOLAR, Randolfo Marques Lobato, falará sobre o Crescimento Desordenado das Cida-

des e Suas Implicações Ambientais - O Caso da Região Metropolitana da Grande São Paulo, e em seguida, o professor José Marcialino de Azevedo Neto, membro permanente do Corpo de Especialistas da ONU fala sobre os temas e serem abordados no Encontro.

Dia 26, quinta feira, haverá apresentação de áudio-visual "Florestas e Sobrevivência", produzido pelo Ecólogo Lauro Eduardo Bacca, Diretor do Museu "Fritz Müller". As 9h30 min "Eutrofização e suas Consequências" pelo professor José Marcialino de Azevedo Neto, vice presidente técnico da ABPPOLAR.

Às 11 horas, o assessor técnico da Divisão de Vegetação do Projeto RADAMBRASIL do Ministério das Minas e Energias, professor Roberto Miguel Klein, fala sobre "O Papel da Vegetação na Minimização das Enchentes Periódicas".

Às 14 horas, o Prefeito da cidade Universitária da Universidade de São Paulo, Lauro Bastos Birkenholz, irá preferir

uma palestra que terá como tema "Planejamento Regional".

Às 15h30 min, "Conservação de Recursos Naturais", pelo professor João José Eibarella, Presidente da Associação de Defesa e Educação Ambiental Nacional. Às 16h 30 min, "As Cheias, Enchentes e Inundações, Ocupação das Áreas Baixas, Impermeabilização e Efeitos sobre o Escoramento Superficial - Período de Retorno", pelo professor Koki Uehara, titular do Departamento de Engenharia Hidráulica, da Escola Politécnica da Universidade de São Paulo e da FAPFC. Às 17h 30 min, "Degradação Ambiental no Vale do Itajaí e a Repercussão no Regime Hídrico", palestra a ser pronunciada pelo Engº Gert Roland Fischer, Presidente da Associação de Preservação e Equilíbrio do Meio Ambiente de Santa Catarina.

Dia 27, sexta feira, às 9 horas, "O Rio Itajaí e Blumenau", será o tema abordado pelo Diretor Administrativo do Museu "Fritz Müller", Lau-

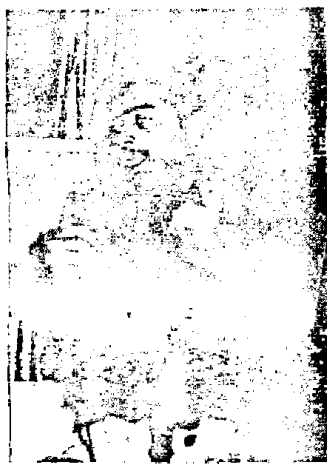
ro Eduardo Bacca. Às 10h 30 min, sobre "Desmatamento, Erosão e Assoreamento", falará o professor Nicolau Chalden, Diretor do Laboratório de Hidráulica, Saneamento e Meio Ambiente da Universidade Católica do Paraná. Às 14 horas, com o título "A Poluição das Águas: Efeitos e Medidas Adotadas", falará o Engº Sanitarista Ivanildo Espanhol.

Às 15h 30 min, "A Classificação dos Rios Brasileiros - Legislação e Medidas Adotadas" será o tema da palestra de Benedito Barouza Pereira, engenheiro civil e sanitarista.

Em seguida haverá ainda palestras referentes à ação do DNOS, sobre Defesa Civil e outras autoridades.

Os interessados em participar do I Encontro Nacional Sobre Cheias, Enchentes e Inundações - Cursos D'Água e Urbanismo, poderão fazer suas inscrições no Museu "Fritz Müller", ou no Centro de Convenções Carlos Gomes, em Blumenau.

João Antônio volta à cena



JOÃO ANTÔNIO

Nunca alguém mereceu epíteto convincente como João Antônio: Combatendo o bom combate.

Combate este travado sempre em favor dos miseráveis,

dos lazenros, do povão.

Conheci João em 75, quando seu primeiro livro começava a ser reconhecido, depois de alguns anos distante da premiação do Concurso Fundepar.

Como ser premiado em Concurso literário na Terra de Vera Cruz; não significa fazer sucesso, João teve que ir cozinhando sua paciência em água morna, até receber as atenções da Editora Civilização. Então "Malagueta, Perus e Bacanaço" doblou e nesse amigo passou a percorrer a passarela do sucesso. Na estirpe de "Malagueta", veio "Leão de Chácara". Um perfil psicológico, daquele sujeito mal-encaixado, sempre postado nas portas de boates, disposto a distribuir lambadas e safanões.

Um machão agressivo exteriormente, e um apavorado intimamente. Um ser humano, condenado a tal situação, pela simples e banal necessidade de viver. A literatura deste paulista que mora há horas na Praça Serzedêlo Correia, em

Copacabana é a mais legítima seguidora daquela de Lima Barreto, de quem por sinal o autor é um admirador e profundo conhecedor.

As criaturas de João são pingentes da vida. Vivem tentando ludibriá-la para poderem sobreviver.

Em DEDO DURO - Editora Record, vamos encontrar um autor que é simultaneamente porta-voz e biógrafo de todos aqueles Zés que vivem nos pontos sombrios da cidade. Num momento em que a vida urbana é cada vez mais violenta e agressiva e os sentimentos muitas vezes se perdem, em favor da simples (simples?) sobrevivência, é importante a crônica destes deserdados, que vivem na corda bamba, no submundo, deparando-se a cada momento com o incerto, o inusitado, com o azar mesmo.

Os trabalhos deste autor preocupam-se com os marginais. Mas, jamais são policiais, ou aventurecos. João

não é (graças a Deus), nem antropólogo nem sociólogo, é sim um "baita" repórter, que consegue, de forma impar, recolher preciosamente os tipos que habitam os botecos da Velha Lapa, ou da área decadente da tão famosa Copacabana, passando contudo pelos bairros da periferia e subúrbios.

DEDO DURO, uma coletânea de contos, onde a figura central é sempre o deserdado, é uma obra-prima de romance urbano. É antítese da Avenida Paulista, costurado com mais garra, talento e sensibilidade, pois se "Os Ricos também choram os pobres, talvez por serem pobres, por viverem de expedientes, também amam e sonham e trapaceiam: afinal que outra chance lhes reservou nosso bondoso criador?"

DEDO DURO - João Antônio - Editora RECORD, Rio de Janeiro - Em Blumenau na Livraria Alemã por 800,00. Leitura excelente.

Norton Azambuja

Hemingway, o jogo duro da literatura

NORUEIRA MOUTINHO "Folha de São Paulo"

Foi a 2 de julho de 1961 que Ernest Hemingway "receitou dois cartuchos na espingarda. Disses que usara durante anos para caçar prêmios, matou cuidadosamente a cabeça da minha mãe, o chão, inclinou a cabeça, enfiou os dois canos na testa, logo acima do supercílio. E puxou os dois gatilhos". Assim, Carlos Baker, possivelmente o maior biógrafo do escritor, relata o suicídio dele, há 21 anos, em Ketchum, no Idaho. Hemingway tinha 65 anos e mais de duas dezenas de livros publicados. O sucesso literário lhe fora companheiro inseparável desde que "A Farewell to Arms", em 1929, o transformou numa espécie de irmão inimigo de Scott Fitzgerald, autor em 1925 de "The Great Gatsby". São nomes mais brilhantes da chamada "lost generation", florescida depois da 1.ª Grande Guerra: Gertrude Stein assim o batizou lançando uma etiqueta que Hemingway se apressa em aproveitar como epígrafe de seu romance de 1926, "The sun also rises". Mais tarde porém, depois da morte de Gertrude, no livro de memória "A Movable Feast", Hemingway conta que a frase "Vocês são uma geração perdida" não foi criada pela escritora, mas prosaicamente dita pelo próprio motorista dela, exasperado com a imperícia de um navegador incompetente. Impedido pela guerra do aprendizado correto

da profissão. Seja como for, a fórmula serviu como lava para qualificar os jovens escritores expatriados que encontraram na Paris dos anos 20 espaço para se embebedar, viver e escrever contra a corrente de "american way of life". Hemingway foi um deles, mas não teria sido quem foi se não tivesse tido como guia e mestra a incrível Gertrude Stein, a primeira escritora cubista. O milésimo de 1920 marca nos Estados Unidos a era da prosperidade, que a grande depressão econômica de 25 liquidou. Era de jazz, da linha de produção Ford, dos "bootleggers", como Gatsby que fizeram fortuna à margem da lei seca, época frenética, os "roaring twenties" tiveram sua revolução literária cumprida pelos "americans in Paris", que abrigaram uma nova frente na ficção do país. Henry James havia, é verdade, criado já uma literatura de expatriados, mas seus heróis, da "gentry" ou do Faubourg Saint-Germain, eram antes afins a universo metafísico de Turgenev do que ao mundo do vício e do primeiro pós-guerra, que hoje, todavia, nos parece quase tão caviloso quanto o dos romances medievais. Ernest soube captar essa nova essência, que cheirava gasolina, não "eau-de-cologne" e canalharia na linguagem, e Long Barre (1899-1963), Tobias Barre (1894-1946) e a própria Gertrude Stein, haviam

preparado, dando-lhe, e aos companheiros de geração, a moldura. Transição estilística o romance suíço, entre obra de conhecimento e obra de entretenimento, cultura e em formação: Larner (autor em 1924 de "How to write short stories") e Itanym, foram jornalistas de profissão e temperamento, mas Gertrude era uma escritora que se sabia genial e se dizia genial. Voluntariamente expatriada na "rive gauche" de Sena, formulou a doutrina do vocabulário "vivo", que completa a famosa teoria de "mojo past" de Faulkner. Violenta em suas análises do inglês que diz, por diante será o "americano", incorporando o cinemismo próprio de uma linguagem coloquial colorida com a fala e a gíria do milhão de emigrantes desembarcados nos Estados Unidos desde 1900.

Hemingway não era mais do que um jovem jornalista de talento ao entrar pela primeira vez no apartamento da Stein, rue de Feurus, onde fez, pode-se dizer, o serviço militar da literatura. Ora, não parasse de 1920 oratória, exatamente por causa de desajustamento em que os mágicos embebedados se encontravam, o laboratório mais exaltante do que Greenwich Village. A segunda grande chance de Hemingway foi ter escrito o romance mesmo dessa época, "mãe, mãe, mãe" - parassisterna, "The sun also rises".

Que fazem os heróis dessa história? Jake Barnes, jornalista americano que a Guerra tornou impotente, uma platonicamente Lady Brett Ashley, infômita, insaciável. Os outros são Michael Campbell, escocês de bom bico e álcool, Mippopolos, "conde" negro enriquecido nos EUA, Robert Cohn, judeu americano que não se livra de seus complexos. Orgia de sangue e álcool desenvolvida no ambiente cosmopolita e cinico de Paris e Madri, a narrativa é uma espécie de festa de Sardinha que era de jazz. Estava no "air" quando se viu, será levado à execução.

Hemingway, então, soube utilizar como ninguém o "tough talk", o eslate duro dos lutadores do boxe, matadores e toureiros, dispensando a água tônica da psicologia, as análises interiores o sentimentalismo. Para ele um fuzil não é um fuzil, é um Springfield, um touro se avança em arébas, não em galhos. Houve tudo isso pode parecer-nos definitivo, então humil e definitivo. Mas, quando, na década de 1950, surgiu o livro "The old man and the sea" o escritor recebeu o prêmio Nobel de Literatura. Os sinos, que dobram por todos, como o descobriu Donne, há vinte anos, dobraram por Hemingway: "Il faut (après tout) mourir" dizia uma de suas divisas.

Arquiteto alemão fará levantamento do Patrimônio Histórico de Blumenau

Convidado pela Prefeitura Municipal de Blumenau para realizar o cadastramento do patrimônio histórico do Município (levantamento de monumentos e edificações com estilo arquitetônico alemão Udo Baumann, técnico do convênio de Cooperação Econômica Brasil-Alemanha, convidado partiu do Conselho Municipal de Cultura e da Fundação "Casa Dr. Blume-

mau", visando um levantamento, durante uma semana, pelo arquiteto da República Federal da Alemanha, das edificações já existentes e em projeto, em estilo oxmannel, em Blumenau. O arquiteto Udo Baumann foi recebido pelo Assessor Jurídico da Prefeitura, João Carlos Von Hohendorf e pelo Assessor de Planejamento, Olineto Silveira, juntamente com o

intérprete oficial de alemão, Alfredo Wilhelm. Na oportunidade o visitante informou que já realizou levantamento idêntico nas cidades de Joinville e São João do Sul. Depois do trabalho que realizará em Blumenau, ele também pretende fazer uma comparação das edificações em estilo alemão e europeu das cidades de Timbó, Pomerode e Rio do Sul.

No dia 27 de agosto, Udo Baumann participou de uma reunião na Prefeitura Municipal de Joinville quando apresentará suas conclusões dos trabalhos efetuados nas três cidades. Ele deturará opiniões escritas de todos os levantamentos, visando sugerir e orientar as comissões técnicas designadas para o estudo e cadastramento de edificações em estilo europeu.

Estudante.
Crie, use, renove, construa.



TOALHAS
indaial

LIVROS

A TÉCNICA DA FIÇÃO
MODERNA

As técnicas da ficção de ponta da literatura do Brasil contemporâneo são analisadas na crítica de Assis Brasil e no ensaísmo. Muitos trabalhos nesta área foram já publicados em livros, destacando-se os dedicados a Guimarães Rosa, Clárice Lispector, Graça Sampaio, Faulstich e Joyce. Outros se espalham por revistas e jornais do país.

Este volume, que ora entregamos ao leitor ávido de conhecimentos, é fruto seletivo da atividade crítica e ensaística de Assis Brasil, dispersa em jornais e revistas do país, literatura, arte, estética, cinema, teatro, folclore, cultura de massa dão bem a medida de sua cultura, salientando as idéias próprias do autor sobre o fenômeno da criação.

Invidido em blocos temáticos, A TÉCNICA DA FIÇÃO MODERNA gira em torno das técnicas e dos experimentos que a literatura do Brasil, nos últimos anos, realizou. A procura de renovar o conto e o romance. Estudando a obra de autores brasileiros e estrangeiros, Assis Brasil mostra o percurso estético e técnico de inúmeras obras, que hoje partilham do acervo da literatura universal.

Butor, Faulstich, Haro-yan, Hemingway, James, Garcia Márquez, Fuentes, Quetti, Samuel Beckett, são alguns dos autores estudados. Além da técnica da ficção, Assis Brasil também incursiona pela poesia, quando destaca a atividade vanguardista do chileno Vicente Huidobro. O paralelo que faz, entre as literaturas russa e brasileira é dos mais insuperáveis. Destacando, quando põe em confronto o conto de Tchecov e o conto de Machado de Assis.

Os outros temas, que vão dos aspectos vários da literatura estrangeira e brasileira aos problemas da arte diante da era tecnológica, passando sobre a curiosa relação entre artista e parapsicologia, dão unidade estética ao volume e abrem o seu interesse, principalmente, para os estudantes de letras e para os jovens escritores.

O bloco de estudo dedicado à crítica literária é também importante: aqui Assis Brasil estuda as relações entre a crítica impressionista, afetiva, e a crítica dramática, calcada

quais quase sempre ficam limitados pela camisa-de-força da linguística e das estruturas linguísticas.

Infim, A Técnica da Ficção Moderna, obra de Assis Brasil, é de uma importância de conhecimento e de crítica, que não se pode deixar de ler, não só a nível acadêmico e científico, mas a nível humano, porque a que se pretende e a que se realiza, a crítica literária, não pode deixar de ser, antes de tudo, uma crítica humana.

REVISTA ESCRITA

Concurso Bimestral Permanente de Contos, Poemas e Ensaios

A revista Escrita, publicação bimestral dedicada à literatura, promove um concurso permanente de contos, poemas e ensaios, que funciona de acordo com o seguinte regulamento:

1 — O Concurso Bimestral Permanente de Contos, Poemas e Ensaios é promovido pela Editora e Livraria Escrita Ltda., rua General Lamartine, 570, CEP 01223 - São Paulo (SP) — fone: 25 40 11 e 25 41 116.

2 — Participa-se à publicação nas páginas da revista Escrita de trabalhos nos três gêneros, com os seguintes limites: conto, até 200 linhas; poema, até 100 linhas; ensaio, até 300 linhas.

3 — A revista Escrita publica três trabalhos por vez, independentemente do gênero, como limite mínimo. Ao enviar seu trabalho, o candidato concorda também com sua eventual publicação em livro pela Editora e Livraria Escrita Ltda.

4 — Os trabalhos devem ser identificados por pseudônimo. Em folha a parte, o candidato colocará pseudônimo, nome, endereço e cerca de 10 linhas de dados pessoais.

5 — O candidato pode enviar uma taxa de inscrição no valor de Cr\$ 200,00 em cheque visado em nome desta editora ou em dinheiro. Não aceitamos vale postal. Sua participação será comprovada por um recibo. Se este não for recebido, o candidato deve consultar a lista dos não-classificados publicada na revista junto com este regulamento.

7 — Para saber se foi ou não classificado, o candidato deve consultar a relação na revista, no mínimo 120 dias após

O LOBO DA ESTEPE

Uma característica maravilhosa na obra de Hermann Hesse é o seu luto silencioso, a sua melancolia, a sua depressão, com situações estéticas e filosóficas que quanto mais se lê, mais se quer em contato com elas.

O Lobo da Estepa é a primeira obra de Hermann Hesse, a primeira da carreira do escritor alemão e segundo Thomas Mann, como novela experimental, não é menos genial do que o famoso romance Ulisses, do irlandês James Joyce.

Esse foi um dos mais audaciosos e ousados livros de ficção moderna e um dos primeiros a estabelecer a diferença entre a ficção e a realidade.

O Lobo da Estepa é talvez o mais fascinante do que pode afligir a alma de um homem, além de ser uma feroz denúncia à sociedade burguesa.

Esta 15ª edição de O Lobo da Estepa sai pela Record que está reeditando toda a obra de Hermann Hesse.

Tradução de Ivo Barroso. 224 páginas, Cr\$ 0,00. Edição de 1982.

A CASA E O MUNDO NA LINGUA PORTUGUESA

Impressa em Hong-Kong acaba de ser lançada em Londres a edição de bolso do romance de Antonio Olinto "A CASA DA AGUA". Traduzido para o inglês e publicado na Europa em 1970, esse "The Water House" apareceria, depois, em francês, espanhol e polonês, tendo as traduções italiana e holandesa sido encaninhadas para publicação antes do fim deste ano. A tiragem de agora é de cem mil exemplares, a metade dos quais é distribuída no Oriente (Hong-Kong, Singapura, Índia, Sri-Lanka, Austrália e Nova Zelândia), vindo a outra metade para a África de expressão inglesa, o Canadá e a própria Inglaterra.

O jornal de Londres "The Guardian" dedicou boa matéria a esse lançamento de bolso, chamado a apresentação do livro de Antonio Olinto de "um acontecimento no mundo editorial".

Destacou também esse jornal londrino o fato de "The Water House" haver sido lançado na Inglaterra em 1970, sete anos antes do lançamento de "Raízes Negras" que foi, de acordo com a referida nota, inspirado no livro de Antonio Olinto.

Ao mesmo tempo em que se

da língua inglesa, dois romances de Antonio Olinto aparecem no Brasil com selo editorial da Nórdica. São "O Rei de Fato", em que a fônica alfabética do autor, a linguagem e a "poesia" da narrativa da "Casa da Água" são recriadas e recriadas, e "O Lobo da Estepa", que para mim é a obra mais importante de Hermann Hesse, publicada pela Nórdica em tradução de Raul de Souza e de Londres, para ser, em 1982, o ano, em tradução de Raul de Souza e de Londres, o ano de Camacho e Raul de Souza.

Também a edição de bolso de "O Lobo da Estepa" está no ar em tradução de G. R. B. B. B.

Publicado em São Paulo em 1982, o livro "A Casa da Água" de Antonio Olinto, traduzido por Ivo Barroso, é a obra mais importante da literatura brasileira publicada na Avenida Copacabana do Rio de Janeiro.

POLÓNIA/A CRISE DOS 500 DIAS QUE ABALARAM O SOCIALISMO

Se a bastante difícil consequência dos processos político e sindical da Polónia de 1980/81, sem contar as diversas fases da história recente, a crise dos 500 dias, que se iniciou em 1980, é a mais importante da história da Polónia.

Uma das obras mais importantes da literatura polonês, William Waack, tem raízes profundas na formação da nação, na vida de um povo acostumado à dura luta pela sobrevivência e a legitimidade de suas terras.

Assim se compõe parte do livro, que também traz o relato de um jornalista ocidental a presenciar a greve do primeiro jornalista ocidental Estaleiro Lenin, em Gdansk, em agosto de 80. Numa tentativa de romper a auto-censura (além daquela normalmente imposta pelos próprios meios de comunicação), William Waack escreveu aqui tudo o que os jornais não publicaram. Tudo o que deixou de ser escrito sobre a "questão polonesa", cujos rumos colocaram em xeque o socialismo praticado no bloco soviético.

"Polónia" pretende mostrar, ainda, a figura do líder sindical Lech Walesa e sua atuação dentro do "Solidariedade".

Quem é, na verdade, este homem amado e odiado com tanta manha intensidade? O que levou os militares ao golpe de dezembro de 81, e como vivem os poloneses sob a Lei Marcial? Como estão as relações exteriores do país?

Carlos Castilho, um gaúcho de 36 anos, exerce a profissão de jornalista desde 65, já tendo ocupado o cargo de Editor Imprensa e de diretor por-